

Informo à Comissão da Verdade USP que esse não é um depoimento documental, ele é apenas uma recollecção de fatos e da percepção desses fatos por alguém que os viveu intensamente.

No início da década de 60 vivia-se no Brasil um clima de confiança no futuro que refletia as conquistas modernizantes e democráticas do recente governo JK. Nas ciências Biológicas vivia-se também um momento iluminado desencadeado pelas recentes descobertas da dupla-hélice, da estrutura e síntese celular das proteínas codificadas pelo DNA. Desvendava-se, com a microscopia eletrônica, a organização das células e suas organelas. Nasciam a Biologia Celular e Molecular e a Engenharia Genética.

O euforizante cenário político nacional e científico mundial repercutia com vigor sobre um grupo de estudantes e docentes da Faculdade de Medicina (FMUSP). À época, um punhado de estudantes se aglutinava em torno de alguns docentes de cadeiras básicas igualmente motivados pelas descobertas das ciências biológicas (e médicas) onde o conhecimento questionador gerado pela investigação científica contrastava com o doutrinário e consabido conhecimento do “establishment”. Hoje, não vejo nada de inusitado ou revolucionário nesse processo. Tratava-se apenas de entrar no ritmo imposto pelos novos métodos e descobertas da ciência contemporânea, mas talvez isso incomodasse quem não queria mudanças ou não conseguia acompanhar o novo ritmo. Entre os docentes de cadeiras básicas líderes dessa renovação científica se incluíam os Professores Junqueira, Michel **Rabinovitch**, Ferreira Fernandes, José Carneiro, Ivan Mota, Isaias Raw, Júlio Pudles, Alberto Carvalho da Silva, Abraão Fajer, Pedro Saldanha e Luiz Hildebrando, todos com vivência recente em instituições importantes do Exterior. Pena que os Nussezweig estivessem no exterior senão teriam se juntado a nós. Entre os docentes

das disciplinas clínicas, os Professores Ulhoa Cintra e Michel Jamra tinham muita afinidade com o grupo. Quanto aos estudantes, depois de formados, todos se tornaram cientistas e muitos ganharam destaque em suas carreiras, no Brasil ou no exterior. Cito alguns, em ordem alfabética, Erney Camargo, Francisco Lacaz, Gherard Malnic, Maurício Rocha e Silva, Nelson Fausto, Núbio Negrão, Paulo **Abrahanson**, Ricardo Brentani, Sérgio Ferreira, Thomas Maack e Walter Colli. Entre 60 e 64, alguns de nós passamos de alunos a docentes, eu entre eles.

O Departamento de Histologia era o epicentro do movimento científico na Faculdade. À época, a Histologia era dirigida pelo Prof. Junqueira, politicamente conservador mas cientificamente progressista. Os equipamentos mais modernos para a pesquisa biológica estavam na Histologia e apenas lá: ultra-centrífugas, câmara fria, microscopia de vanguarda, equipamento para autoradiografias, calculadoras eletrônicas. Enfim, um laboratório quase de primeiro mundo. Além da Histologia, a Bioquímica impulsionada pelo Isaias Raw também se modernizava. Nós, da Parasitologia, sem equipamentos, também nos servíamos da Histologia, associando-nos particularmente ao Prof. Ferreira com quem colaboramos, o Luis Rey, o Hildebrando e eu próprio. Alunos e docentes organizavam reuniões frequentes, com palestras sobre os mais variados temas. Esses seminários nos faziam todos estudar muito, porque em geral, os temas eram sempre novíssimos. Essas reuniões foram, mais tarde, classificadas na “Carta Anônima” e no IPM como “reuniões subversivas”, embora nunca tratássemos de política nessas ocasiões.

Minoria entre docentes e alunos, alguns de nós também tínhamos atuação política, uns junto à Juventude Católica, outros junto à Juventude comunista ou ao Partido Comunista. Outros eram trotskistas. Outros eram

apolíticos, enquanto outros tantos eram de direita. Mas em termos de ciência pode-se dizer que todos eram de esquerda, na medida em que questionavam o conservadorismo científico e a erudição estéril de algumas disciplinas. A petulância desse grupo de pretensiosos arautos da modernidade e da inovação científica devia causar um certo desagrado, uma certa tensão institucional. Mas essa tensão não era política, era puramente institucional compondo um cenário em que visões distintas do ensino e pesquisa se confrontavam na Faculdade. Porém se confrontavam com civilidade. O confronto se agravou em dois concursos para catedrático, quando o grupo inovador liderou a massa estudantil contra os conchavos feitos em torno de candidatos oficiais. Não adiantou nada, mas aborreceu muita gente. Acredito que um segmento importante do corpo docente da Faculdade considerou indevida essa ingerência do corpo discente, incentivada por alguns docentes, no ritual acadêmico dos concursos de cátedra. Ficaram cicatrizes, mas nada a ponto de interferir com o convívio universitário. Existiam divergências plenamente aceitáveis entre o deslumbre dos “progressistas” com o “novo” (com um certo grau de infantilismo) e o apego ao tradicional dos mais conservadores (com um certo grau de senilidade). Sob esse aspecto, os primeiros anos de 1960 foram agitados. Não posso dizer que vivêssemos um momento idílico na Faculdade. Havia um inegável desconforto. Éramos incômodos. Proliferavam conflitos de opinião sobre temas acadêmicos. Dois temas predominavam: a) a necessidade da modernização na pesquisa e incentivo à investigação experimental versus o conhecimento livresco e erudito de muitas disciplinas; b) a necessidade de uma reforma universitária que restringisse o poder (mais folclórico que real) do catedrático passando pela abolição da “Cátedra Vitalícia”.

Divergências sobre esses temas, sem conotações políticas, existiam entre os próprios docentes, catedráticos inclusive. Tanto o grupo renovador como o conservador eram politicamente heterogêneos. Em ambos os lados encontravam-se descendentes de nobres famílias e proletários, cristãos, judeus e ateus, esquerdistas e direitistas. Opiniões conflitantes e divergências co-existiam, como é próprio das universidades.

Isto até o Golpe. A partir daí discordância acadêmica viraria subversão. A partir de 1964 alguns docentes, liderados pelo Secretário da FMUSP, se articularam contra o grupo renovador que veio a ser chamado de “bloco comunista”, bloco que não existia nem nunca existiu. Mais tarde ficou evidente que alguns docentes (inclusive de nosso grupo) nutriam rancores pessoais e usaram o golpe militar para investir contra seus desafetos.

Claro que na FMUSP havia docentes visceralmente de direita, tanto antes como atualmente. Um dos professores de extrema direita, Geraldo Freire, veio a integrar a Comissão Theodoreto, o que explica a predominância de docentes da Medicina acusados no relatório dessa comissão. Havia também na FMUSP docentes de esquerda e extrema esquerda. O nosso Departamento, a Parasitologia, era conhecido como o Departamento Vermelho por sua postura política e social. Até 1955 ele fora chefiado, por Samuel Pessoa, “catedrático”, militante comunista e cientista respeitadíssimo por todo o “establishment” da Faculdade de Medicina. Porém nunca, em nenhum momento até 1964, houve qualquer hostilidade por parte da Faculdade a Samuel Pessoa que pertencia à história da Faculdade e como tal era honrado. Prevalecia na FMUSP o “esprit de corps”. O epíteto de vermelho era justificado porque os docentes mais notórios do Departamento eram de esquerda e conhecidos como tal, mas em 64, do

Partido mesmo, eram só o Hildebrando e eu. Por outro lado, em nenhum momento, nosso Departamento, como Departamento, manifestou ou adotou qualquer posição política. Mais do que o envolvimento político, foi o envolvimento do Departamento no combate às endemias brasileiras que lhe deu a fama de comunista, uma vez que o combate a essas endemias envolvia a denúncia da pobreza e das precárias condições sanitárias da população. Envolvia também a denúncia dos latifúndios como perpetuadores das endemias rurais. Todos os docentes do Departamento militavam nessa frente, mesmo os que não eram de esquerda como o catedrático, Dácio Franco do Amaral, que substituiu o Prof. Samuel Pessoa.

Acho que tudo seguiria dentro dos padrões universitários de tolerância e controvérsia não fosse o Golpe Militar de 1964 que transformou a polêmica acadêmica em sublevação política. O golpe também criou o cenário para que rancores pessoais explodissem e dele se servissem para agravos e vendetas. Embora comunistas existissem, em verdade éramos poucos não mais que três ou quatro em todas as cadeiras básicas da Faculdade. A maioria do corpo docente era politicamente descomprometida e tolerante.

É verdade que no dia seguinte ao golpe, o Luiz Hildebrando, eu, o Thomas e o Pedro Saldanha reunimos mais da metade dos alunos da Faculdade em uma sala e peroramos em defesa da legitimidade democrática e contra o golpe. Ficou nisso. A única consequência é que 3 anos depois o Luiz Hildebrando foi paraninfo da turma cuja maioria esteve presente a essa nossa reunião.

Depois do golpe, o ambiente na Faculdade mudou. Já não havia a euforia do conhecimento novo. Nos retraímos. Em Junho, um jornalista da

Folha nos informou que o Luiz, o Thomas, o Julio Pudles, eu e outros 10 docentes estávamos em uma lista que havia sido enviada pela Reitoria da USP à Comissão Geral de Investigações, CGI, então presidida pelo Almirante Bosísio. Mais tarde fiquei sabendo que essa era a famosa lista da Comissão Theodoreto sobre a subversão na USP encomendada pelo Reitor Gama e Silva. Fiquei também sabendo que a CGI considerou supérfluas e infundadas as acusações e nos notificou disto. Não obstante, no segundo trimestre de 64, não sei bem quando, instalou-se na FMUSP uma equipe do Exército, comandada pelo Tenente Coronel Ênio dos Santos Pinheiro, para conduzir um Inquérito Policial Militar, IPM, sobre a subversão na Faculdade. A equipe foi soberbamente recebida pelo Secretário da Faculdade e instalada em sala privilegiada do 1º andar, à vista de todos e com benesses providas pela Secretaria.

Começaram os interrogatórios, constrangedores para todos, principalmente para aqueles que não tinham nada a ver com a política da Faculdade ou do país e que eram questionados sobre as atividades subversivas de colegas e amigos.

A Faculdade perdeu o auto respeito e foi entristecendo em um ambiente de velório. Prevalcia a desesperança onde antes havia muita vida e muita esperança no futuro. Acho que esse foi o grande mal do Golpe: aprisionou o futuro, amedrontou as pessoas, tolheu-lhes a criatividade, anulou a diversidade acadêmica, privou a Universidade do novo e da polêmica intelectual. A simples presença dos inquisidores na Faculdade já violentava o ambiente universitário.

Os inquisidores não eram truculentos. No geral eram até polidos, frios, profissionais. Apenas inquiriam, mas o clima era de desolamento e de humilhação. A maioria dos inquiridos se evadia de perguntas sobre os comunistas com um oportuno “não sei” ou confirmando aquilo que não era novidade nem comprometia ninguém. Todos concordavam em que a Parasitologia era Vermelha e que alguns docentes da Faculdade eram de esquerda. Samuel Pessoa era sempre citado, o que não era nenhum segredo com relação a um ex-candidato a Deputado pelo PCB. O Hildebrando e eu, também éramos citados algumas vezes, o que também não era nenhuma novidade para os inquisidores. Os politicamente mais treinados, tentavam despistar os inquisidores seguindo os ensinamentos dos tempos de clandestinidade de que “ao inimigo, nada, nenhuma informação”. Mais tarde, com o advento da tortura, essa orientação mudou, mas no começo do golpe ela podia ser usada sem problemas. O Luiz estava preso no navio Raul Soares e não podíamos combinar o discurso. Dessa forma resolvi apresenta-lo aos inquisidores, apenas como um liberal de esquerda, militante da democracia. O coronel deu uma risadinha discreta. Como deu risinhos em outras passagens. Mais tarde, quando o Hildebrando e eu adotamos como pombo-correio um marinheiro comunista do Raul Soares, fiquei sabendo que o Hildebrando, em seu depoimento, orgulhosamente se declarara membro atuante do PCB. Aí entendi os risinhos do coronel.

Não me consta que os inquisidores tenham ameaçado ou humilhado qualquer interrogado. Mas alguns docentes se sentiram mais pressionados que outros, sentiram-se justamente humilhados. Depoimento acusatório mesmo, com informações inéditas e comprometedoras, nenhum.

O Depoimento do Dácio do Amaral (anexo????) é um exemplo da humilhação de um docente. Ele não é o depoimento de um gorila ou deduro. É apenas o depoimento de um homem acuado diante militares e forçado a reconhecer, como comunistas, colegas que ele respeitava profissionalmente. Nenhuma novidade, nenhum fato, apenas a repetição do consabido e a sua insistente desvinculação das atividades políticas de seus assistentes, o que era verdade. Nenhuma delação. A rigor, em seu depoimento, talvez sem se dar conta disso, Dácio acabou delatando os delatores Dante Nesse, Secretário da Faculdade, e Elfride Kirchner, técnica da Parasitologia, que o procuraram para acusar alguns docentes. Delata de passagem o jurista Pacheco e Silva e também se auto-delata ao revelar que ficou encarregado de levar acusações à Comissão de Inquérito da Universidade (Comissão Theodoreto). Acusações toscas.

Os depoimentos em seu todo não trazem nenhuma informação concreta sobre subversão (que não havia), tanto assim que o próprio Promotor Militar pediu o arquivamento do processo resultante do IPM. Em verdade, a peça central do inquérito, além do relatório Theodoreto, foi uma carta anônima composta por duas ou quatro mãos, duas delas sabidamente de técnica da Parasitologia. A carta não listava fatos, apenas destilava ódio, principalmente contra todos os docentes da Parasitologia e até seus cônjuges e alguns da Histologia. Um documento alimentado por rancor incontido, doentio. Não sabemos a origem desse rancor, porque a Elfride era no geral afável e sem conflitos explícitos com qualquer um de nós. Esta carta deveria ser publicada um dia, mas com a advertência de que pode causar náuseas. Como exemplo cito o que ela disse de mim, não contarei o que disse de outros. Disse que eu era um docente com um “currículo

duvidoso”. Má fé. Em realidade eu não tinha currículo nenhum. Acabara de ser contratado após um período de treinamento em Bioquímica no Butantan com uma bolsa da CAPES no laboratório do Baeta Henriques. Eu tinha tinha apenas 2 trabalhos com o Hildebrando e um com o Baeta. Era um currículo muito fraco, mas não tinha nada de “duvidoso”. Disse também que eu levava ingênuos estudantes da Medicina a um Cabaret na Bahia, em viagem de Bandeira Científica chefiada por mim. Verdade parcial. Em realidade foram os estudantes, alguns mais velhos que eu e não ingênuos, que me convidaram a tomar uma cerveja no famoso Bataclã do Jorge Amado, de que todos ouvíamos falar e queríamos conhecer. **A carta também dizia que usávamos as Bandeiras Científicas para recrutar estudantes para o Partido Comunista. Calúnia. Nunca nenhum de nós se valeu da condição de Professor para recrutar alunos. Pelo contrário. Conto um episódio de que não me lembrava, mas me foi lembrado pelo Dr. Dráusio Varela. Dráusio foi aluno meu e do Hildebrando e é meu amigo até hoje. Um dia, quando estudante, ele me procurou, dizendo que queria entrar para o Partido. Segundo me contou, eu o desestimulei e disse que não havia nada que ele pudesse fazer melhor no Partido do que fora dele. Ele me atendeu. Acho que esses exemplos servem para dar o tom da carta anônima que orientou o IPM e que desaguou num processo junto à Justiça Militar. Acusações puramente pessoais. O processo, de tão ridículo, foi arquivado a pedido da própria Promotoria Militar em 1965. Fomos todos absolvidos, ainda não sei de que. Uma vergonha comandada pelo Reitor da Universidade, Prof. Gama e Silva, o Gaminha, com o aplauso de áulicos e vivandeiras da Faculdade de Medicina.**

O rancor e a vergonha não saíram barato para nós. Em outubro de 64 recebemos a notícia de que um decreto do Governador A. de Barros nos

demitia a todos. Foram demitidos 14 docentes, mas comunistas mesmo só uns 4. A Parasitologia foi quem mais sofreu porque mesmo não demitidos, os Nussenzweig, que estavam fora, não voltaram ao país, os Deane foram para a Venezuela, Luis Rey foi para a OMS, eu fui para os USA e o Hildebrando, logo depois de deixar a prisão no Raul Soares, voltou à França. Em resumo, a Parasitologia perdeu 7 de seus 10 docentes.

Perguntam-me com frequência se o Golpe prejudicou e atrasou o desenvolvimento da Parasitologia entre nós ou de toda a ciência da Universidade. Não sei responder. Esse foi um experimento sem controle ou placebo, como queiram. Não sei como seria se não tivesse sido. Mas de duas coisas tenho absoluta certeza. Primeira, o ambiente na Universidade mudou muito. Na Medicina a euforia do início da década foi substituída por profundo desânimo e apatia. Muitos colegas se retraíram. Reuniões acabaram. Marasmo absoluto. A Faculdade parece que se envergonhou ao perder a dignidade, violentada por gang militar-universitária. Segunda, os docentes perdidos pela Parasitologia atingiram, aonde estivessem, os níveis mais altos da carreira científica. Ruth e Victor Nussenzweig foram Professores Plenos da Universidade de Nova Iorque. Hildebrando foi chefe de Divisão do Instituto Pasteur em Paris, onde colaborou com três prêmios Nóbels. Leonidas e Maria Deane, depois da Venezuela, voltaram para a Fiocruz como Pesquisadores Titulares. Luis Rey fez carreira na OMS e também voltou para a Fiocruz. Eu, ao voltar dos USA, fui Professor Titular de Escola Paulista de Medicina antes de retornar à USP. Tenho a impressão que a Parasitologia da FMUSP perdeu alguma coisa com o golpe militar.

Com a evolução do Golpe floresceram ou generalizaram-se posições de direita. Por exemplo, A Congregação da Faculdade proibiu a solenidade de formatura da turma que teve o Hildebrando como paraninfo. A

solenidade não oficial realizou-se assim mesmo, sem a presença do Diretor, mas com a presença de muitos professores e de todos os alunos de uniforme branco em vez do tradicional smoking.

No cenário engalanado da direita muitos docentes procuraram preservar sua dignidade retraindo-se. Outros por comodismo ou pusilanimidade sucumbiram ao poder dominante. Porém, muitos, muitos, mantiveram-se solidários aos docentes demitidos e entre esses, muitos daqueles que até então tinham se mantido neutros e distantes.

Conto três episódios dignificantes da era dos Atos Institucionais que já contei em outras oportunidades:

1. Os docentes de tempo integral demitidos não tinham outra fonte de renda. De repente, ficaram sem recursos para atender às necessidades mais básicas. Foi aí que começaram a me repassar recursos suficientes para pagar integralmente os salários de todos os demitidos que ainda permaneciam no Brasil. Não, o dinheiro não vinha de Moscou. Eu recebia, por intermédio de um discreto prócer da conservadora União Democrática Nacional, UDN, o dinheiro coletado entre docentes anônimos de nossa Universidade que certamente não concordavam com o arbítrio e aviltamento da condição universitária. Depois de minha partida do país não sei como continuou a distribuição, porém os doadores permaneceram em sua anônima dignidade.
2. Quando o Luiz Hildebrando e família tiveram que voltar às pressas para a França em 69, ele não tinha dinheiro para as passagens. Nessa época, o Prof. Moura Gonçalves, católico conservador, que, como diretor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, havia

impedido o IMP de lá se instalar, me entregou todo um salário para pagar as passagens do Luiz. Pediu-me discrição, não por temor, mas por não querer aplausos.

3. O terceiro episódio mais singelo e inédito foi protagonizado por modestos servidores da FMUSP que coletaram entre si USD 400 para minha partida para os USA. Era bastante dinheiro à época quando uma bolsa da CAPES no exterior correspondia a 200 dólares. Ainda me lembro com emoção de todos esses servidores.

Na minha opinião erram crassamente aqueles que dizem que a USP foi conivente com o golpe e a ditadura. Não foi, nunca. Ela serviu de palco para encenações institucionais grotescas e vendetas pessoais. Serviu de palco para reitores próceres golpistas e docentes fascistas, expressarem toda sua raiva contra a democracia e o contra hábito inaceitável de se pensar livremente. Outros, pragmaticamente usaram a oportunidade para penalizar seus desafetos. O golpe de 64 não foi apenas contra o Estado de Direito, ele se constituiu de sub-golpes contra muitas instituições. Uma destas foi a USP, que no entanto nunca sucumbiu ao Golpe, mas a ele se opôs durante toda sua duração. Dizer que a USP foi conivente com o golpe é um ato de desrespeito a todos os mártires, alunos e docentes, que sucumbiram às atrocidades da ditadura.

As punições na FMUSP foram as primeiras na longa história opressiva da ditadura e têm um caráter muito particular. Elas não foram uma resposta militar a ações de enfrentamento ao golpe. A máquina repressiva ainda não estava montada e a ideologia golpista ainda aguardava operadores profissionais. Em verdade, a novela ou drama da FMUSP se parece mais com uma re-edição da caça às bruxas de Salem do que com a sistemática

repressão à cultura e à intelectualidade posteriormente conduzida pela ditadura em nível nacional.

Em 2009, a Congregação da Faculdade de Medicina, por mediação de seu Diretor, Professor Marcos Boulos, concedeu o título de Professor Emérito a todos os docentes que haviam sido demitidos em 1964. Na solenidade de posse, tive a oportunidade de dizer, que não éramos nós quem estávamos sendo redimidos, era a Faculdade que se redimia do espetáculo grotesco de 1964.

Acho que foi assim.